

O TORCER DE FUTEBOL EM BAR DE LONDRINA – PR¹

Clayton Denis Alino da Silva² (UEL)

O futebol espetáculo e midiático contemporâneo é um fenômeno que ultrapassa o estádio para tomar os domicílios e bares por transmissão da televisão. A experiência de assistir o futebol em bar busca por mimetizar (GASTALDO, 2005) a emoção de assistir e torcer no futebol em um estádio, mas desqualifica este como o único *lócus* do futebol, realçado pelos efeitos audiovisuais das transmissões televisivas do esporte que permitem ao torcedor ver a partida por diversos ângulos de câmeras, rever certos lances por um sistema de *replay*, ter uma narração comentada da partida junto a um maior conforto em um ambiente propício para o consumo do álcool e de possibilidade de socializar-se durante a partida com outros torcedores. O torcer por futebol no bar é mais que um simples momento de lazer, mas uma ação significativa de expressão de identidades, performances e rituais dos torcedores, além de uma ferramenta de sociabilidade e de expressão cultural brasileira.

Em busca por compreender como acontece o torcer de futebol em botequim na cidade de Londrina, enquanto uma ação significativa de performance, rituais e sociabilidades entre os torcedores, este artigo se manifesta por expressão de apontamentos iniciais após as primeiras visitas à campo que foram realizadas no Bar Brasil, parte do cronograma de uma pesquisa etnográfica de mestrado em Ciências Sociais, realizada na Universidade Estadual de Londrina.

A utilização da etnografia como método descritivo de coleta de dados através de contato cultural é um apelo ao pressuposto da alteridade que mantém-se como um legado teórico e metodológico da Antropologia Social, em específico neste artigo pelo método etnográfico proposto por Magnani (2006) que se aplica em uma perspectiva “de perto e de dentro” para compreender a relação particular entre os atores sociais e a dinâmica urbana. Para Magnani, o etnógrafo deve compartilhar o horizonte do universo do pesquisado, mas não de modo para entender esse horizonte de acordo com as suas preconcepções culturais, deve-se articular esse olhar de forma que busque por princípios abrangentes e estruturas de longa duração, por através da perspectiva e das visões de mundo dos nativos. “De perto e de dentro”

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² ALINO-SILVA, Clayton. Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. alino-silva@live.com

é uma busca por captar detalhes minuciosos que passariam despercebidos em um plano macro de compreensão da dinâmica urbana e sua diversidade de trocas, arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes.

Esta pesquisa se dá engendrada a três pilares de sustentação lógica sobre a temática: *a) o simbolismo do torcer* – que explora a ação enquanto consciente mas anexada à uma mística de experiências e emoções revividas e restauradas; *b) as interações entre torcedores* – o encontro das subjetividades, as diferentes identidades sociais e formas de torcer; e, *c) as performances no bar* – o mostrar-se torcendo e os papéis sociais que são postos em sociação.

Dadas tais considerações, se faz necessário uma mínima contextualização sobre a cidade de Londrina e sobre o Bar Brasil em específico, para que o leitor possa compreender o ponto de partida e para que possamos ampliar o debate sobre torcer e performances torcedoras na cidade de Londrina.

A cidade de Londrina, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018), é uma cidade de porte médio que possui pouco mais de 500 mil habitantes, e que, apesar da existência de apenas uma agremiação profissional de futebol no município, ainda possui o futebol como atividade que cerceia diversas das relações sociais da cidade e os momentos de lazer de seus habitantes, tão quanto, é um tema muito recorrente nas identidades londrinenses.

Fundada em 1934 pelos ingleses da Companhia de Terras do Norte Paranaense como um ponto estratégico de ligação ferroviária entre os estados de Paraná e São Paulo, a cidade se tornou referência por suas terras vermelhas para a agricultura, que atraía imigrantes, principalmente de mineiros e paulistas para a ocupação do território e para trabalho nas fazendas cafeeiras que foram as grandes motrizes de crescimento e desenvolvimento da região. Como indica Almeida (1997), a cidade passou a ser base de uma rede de produção e comercialização agrícola para servir as necessidades das populações urbana e rural da cidade e da região, inclusive para o interior sul do estado de São Paulo, em um Brasil que experimentava a industrialização durante o Governo Vargas (1930 – 1945).

Atualmente a cidade de Londrina é um centro urbano de referência econômica, industrial, financeira e administrativa do Paraná, sendo a segunda cidade em extensão e em população do estado, atrás de Curitiba, e a quarta maior cidade da região sul do Brasil. Juntamente a essas matrizes econômicas e de prestação de serviços, a cidade de Londrina

também se manifesta enquanto um polo educacional, e mantém atraindo para a cidade migrações de pessoas de todo estado e de todo o país.

O “Bar Brasil” surge em 1941 na esquina da avenida Hugo Cabral com a rua Piauí, e se orgulha de ser o bar mais antigo da cidade. É localizado na região central, a poucas quadras do Terminal de Transporte Coletivo e em frente ao Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina, o Bar Brasil tem características populares próximas ao que se imagina de um botequim “pé sujo” (MELLO, 2005) – um estabelecimento que se constitui em um ambiente físico composto por balcão e mesas, um espaço para a caixa registradora junto a uma gondola de doces, decorado por pôsteres de que não se vende fiado e sobre promoções de produtos, garrafas de cachaça emprateiradas pelas paredes do bar, cardápio com culinária típica (pastéis, sanduiche de pernil e porções de batata e frango fritos e torresmo), relação entre proprietários, funcionários e clientes geralmente marcada por um bom humor, e uma política de preço que funciona também como um atrativo para os clientes.

Hoje o Bar Brasil se tornou um bar especialmente grande na cidade, com capacidade para 350 pessoas³, que conta com duas alas dentro do estabelecimento, a de botequim e o “estádio-bar”, um espaço que possui as mesas enfileiradas em degraus que se parecem aos de uma arquibancada de estádio e que, como uma sala de cinema, possui a iluminação leve para um ambiente mais escuro e com um *setting* que favorece a visão para um grande telão. O bar sempre foi tido como um espaço de lazer, de sociabilidade cotidiana e de encontros culturais na cidade, mas entre todas essas características, o seu *ethos* futebolístico é o que mais se impõe, principalmente pela presença de um telão e três grandes televisores em cada ala deste bar. O “BarBra”, como é denominado pelos londrinenses, se auto intitula “o bar de todas as torcidas do Brasil” e utiliza de redes sociais para promover eventos, principalmente os futebolísticos, informando as promoções e quais partidas serão transmitidas, além de um clássico do botequim, o quadro negro escrito a giz na calçada.

Apesar de existirem outros bares com o *ethos* futebolísticos em Londrina, o Bar Brasil se tornou especial na cidade por sua estrutura, tradição, localização e pelos baixos preços que cobra por produtos, mas isso não quer dizer que seu leque de clientes seja reduzido somente a torcedores. Apesar de sua função comercial manifesta, o bar é um espaço para as sociabilidades espontâneas do cotidiano (DUMAZEDIER, 1999), isto é, a importância de espaço como este para além do consumo de bebidas, mas busca por contatos e trocas sociais

³ Segundo o registro de autorização do Bar Brasil junto ao Corpo de Bombeiros de Londrina-PR

que sobressaíam, completem ou compensem as relações cotidianas que são impostas pelo trabalho ou por deveres familiares.

Numa cidade marcada pela imigração para sua fundação e seu desenvolvimento, o modo de torcer do futebol dos londrinense não se difere muito, apesar do Londrina Esporte Clube ser um clube de elite do futebol paranaense, e de segunda divisão do Campeonato Brasileiro, a torcida costumeiramente o tem enquanto um segundo time a se torcer, dando preferência a um time de maior tradição e de mais conquistas no futebol brasileiro, principalmente do eixo Rio-São Paulo ou no Rio Grande do Sul, sendo a torcida do *Sport Club Corinthians Paulista* a maior torcida da cidade⁴. A grande adesão da torcida londrinense por clubes de outros lugares e outros estados se dá, principalmente, por uma trinca de explicações que podem se fundir: a) o fraco desempenho do Londrina Esporte Clube diante de um macro e disputado cenário futebolístico nacional; b) o torcedor ou sua família não são de origem londrinense e torcem para time de sua terra natal; e c) a grande influência no torcer por através das mídias como rádio e televisão que priorizam a transmissão nacional de partidas com conteúdo de equipes do sudeste, que fez com que os torcedores locais criassem laços com outras equipes. Há ainda em Londrina outros clubes de futebol não-profissional e que disputam campeonatos de menor escala, destacando-se a Associação Portuguesa Londrinense, que disputa a segunda divisão do estadual.

A relação de Londrina com o torcedor misto⁵ faz com que o futebol seja ainda mais consumido na cidade, não dependendo somente do Londrina Esporte Clube para torcer, portanto, é comum, principalmente em bares, que haja a transmissão de outras equipes como Palmeiras, São Paulo, Flamengo, Corinthians, Grêmio, entre outras, e que essa transmissão seja acompanhada por torcedores dessas equipes, principalmente pela distância geográfica de Londrina com os estádios desses times, ou por pessoas interessadas na partida. Sendo a preferência da maioria dos torcedores londrinenses de qualquer time, o Bar Brasil é o local em Londrina onde as torcidas se reúnem para assistência do futebol, é inclusive utilizado como ponto de encontro da maior torcida organizada do Londrina Esporte Clube, Falange Azul, quando o time joga longe do Estádio do Café, o estádio da cidade.

O torcer de futebol, segundo TOLEDO (2010) é uma adesão corpórea fora das linhas do jogo, é se contorcer e ler a partida com gestos, chutar junto com os torcedores,

⁴ LANCE!; IBOPE, 2018.

⁵ Aquele que torce para mais de uma equipe, sendo comumente um time local e outro de maior prestígio.

utilizando as duas principais armas: a fé e a vontade de sair vencedor. O torcer é também uma marca na identidade individual e nas representações coletivas dos torcedores. Parte de um sistema classificatório, ele é uma forma de expressão em meio às disputas simbólicas, mas que não se fixam somente no que é referente ao futebol ou ao esporte, é de importância cotidiana. Por uma perspectiva antropológica, o futebol expõe nas diferentes identidades individuais e coletivas as tensões de confronto com outras subjetividades existentes, os torcedores do time adversário, forçando uma dicotomia nós *versus* eles de interação com o inimigo e de disputa simbólica para além da disputa do campo de futebol, mas presente na guerra entre cores que mais prevalecem, no volume e discurso de músicas entoadas, entre outras coisas, podendo ser elevado ao combate físico entre torcedores rivais, o que ainda não foi evidenciado durante o trabalho de campo.

Adaptando de Toledo (1996), o Bar Brasil é parte de uma paisagem urbana e um centro da ludicidade na cidade de Londrina, é um local onde o futebol desencadeia um tipo de sociabilidade complexa por distanciamento, que é, uma sociabilidade sem intimidade, mas que ainda assim acontece de forma informal delimitando certos tipos de liberdade, e que dispõe à criação de redes torcedoras, entre torcedores do mesmo time e de times rivais, principalmente por através de relações denominadas por Gastaldo (2010) como relações jocosas, que são interações sociais lúdicas mediadas pelo futebol, geralmente em forma de provocações, sátiras, desafios ou apostas permitidos pelos que se relacionam, é uma forma de disputa territorial argumentativa entre os torcedores, onde quem se ofende acaba por perder. O “falar para todos” (GASTALDO, 2005) foi também uma interação bastante presenciada no Bar Brasil em meio aos torcedores. Ela se configura em o sobressair de alguns comentários sobre a partida, podendo ser cômico ou não, que se dispersa entre os que assistem. São geralmente frases curtas e de efeito que se misturam à imagem e os acontecimentos da partida.

Uma terceira forma de interação entre as torcidas é pela composição dos gritos de incentivo das equipes e de provocações de equipes adversárias e aos juízes que comandam a partida, que se alteram de acordo com o momento da equipe na partida, e que leva muito em consideração à equipe adversária. Há também a cantoria das torcidas, em sua maioria reprodução dos cantos das torcidas organizadas, mas que ecoam também dentro do bar, incluindo aqui que existe na cidade de Londrina sub-sedes das grandes torcidas organizadas de equipes paulistas e gaúchas. Dentre as tantas regras existentes no torcer, a que é tomada como um mandamento religioso é o de nunca gritar gol antes do momento, para que interferir no lance com o azar do gol prenunciado; assim o torcer de futebol se manifesta em diversas

regras que delimitam as formas de comportamento e de relacionamento que são aceitáveis e não aceitáveis, onde o bar funciona enquanto um operador simbólico dessas experiências.

Uma outra ferramenta epistemológica para a análise deste fenômeno é a partir da Antropologia da *Performance*, para entender os dramas sociais e as ritualidades dos torcedores nessas relações sociais. Entende-se aqui que *performances* (SCHECHNER *apud* LIGIERO, 2012) são ações liminares em que se objetiva fazer-se crer aquilo que se representa, um metajogo ritual de comportamentos restaurados e que cria uma segunda realidade, não cotidiana, que criam um espaço-tempo de estruturas próprias por um novo arranjo de funções, processos e experiências. Isso demonstra no futebol que importância da vitória na partida dita uma série de dramas sociais e de modos de comportamentos que possuem função social e ritual de sons e gestualidades expressivas nos torcedores e que os transformam durante curso da partida, no sofrimento exacerbado da derrota e na vitória épica contra o pior dos oponentes. Acredito ser pela antropologia da *performance* uma oportunidade para responder a Galeano (2004) sobre “Quantos teatros existem em um jogo de futebol?”

O bar é o local de excelência para se jogar conversa fora, para dedicar ao trago de uma boa bebida e para se assistir a uma boa partida de futebol. Assim o bar contribui para o encontro de amigos, e a centralidade da bebida na sociabilidade dos que estão no bar, e que aponta para o bar quando escolher o ponto de encontro entre amigos. A cerveja e a cachaça já tomam posto no imaginário brasileiro como duas grandes paixões, e é no bar em que têm seu consumo santificado, e, principalmente, estimulado pelas relações do local com a sociabilidade. "O álcool é uma bebida consumida como alimento e às vezes como remédio e possui um rico significado simbólico quando usado em costumes e rituais sociais, culturais e religiosos" (EDWARDS *et all*, 1999, p.31)

Diante das cantorias das torcidas quando enchem o bar, e da conversa mais séria sobre escalações de plantel, táticas e história das agremiações quando ela se passa em menor numero de interlocutores, o discurso nunca deixa de ser importante no bar, pois o dito é grande parte do espetáculo futebolístico que acontece nos bar, desde a narração da televisão aos comentários e piadas feitas pelos torcedores, previsão do futuro, aportes ao passado, as lamúrias de um lance perdido, a alegria de uma boa jogada, xingamentos à juízes e jogadores em má jornada e, o grito mais gostoso do bar, o de gol.

Esses apontamentos de inicio do meu campo antropológico apontam à uma dimensão de signos e simbolismos no futebol que expressam a grande paixão do esporte para

quem a vive, explica a importância do bar enquanto um ambiente fora da responsabilidade rotineira, que realoca o espaço da preocupação e da seriedade, coloca no futebol matrizes que apontam como é dado diferentes formas de identificação por através de representações igualitárias entre torcedores e seus rivais. O futebol é um modo de vida, é forma de expressão e é, no bar, uma forma de lazer coletivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti. A morada do vale: sociabilidade e representações; um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal. Londrina: Eduel, 1997.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Identidade social – uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.

EDWARDS, Griffit; MARSHALL, Jane; COOK, Christopher. (1999) – O Tratamento do alcoolismo: um Guia para Profissionais de Saúde. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

FRÚGOLI JR. Heitor. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez/EDUSP, 2000.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. Horiz. antropol. Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 107-123, Dez. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 Out. 2018.

GASTALDO, Édison. As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. Mana, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 311-325, Out. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 Out. 2018.

GOFFMAN, Erving. Comportamento em lugares públicos. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades. Londrina – PR. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama> . Acesso em: 09 out. 2018

LANCE; IBOPE. Última pesquisa LANCE/Ibope mostrou Flamengo na frente, mas vantagem menor para o Timão. Disponível em <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/flamengo-segue-com-maior-torcida-mas-vantagem-para-timao-cai.html>. Acesso em 16 ago. 2018.

LIGIERO, Zeca (Org.). Performance e Antropologia de Richard Schechner: ensaios. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: NAUNúcleo de Antropologia Urbana da USP.

MELLO, Paulo Thiago de. Pé sujo, o botequim em seu estado mais puro. In: Rio botequim: 50 bares e botequins com a alma carioca. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TOLEDO, Luíz Henrique de. Lógicas no Futebol. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: A metafísica do homem comum. Revisa de História, n.163. São Paulo: 2010.